

Navios Portugueses afundados durante a II Guerra Mundial – As perdas de um *Neutral*”

Ricardo Silva

A II Guerra Mundial foi o mais global e violento conflito do Século XX e porventura o mais mortífero de toda a história humana. Portugal, apesar de se manter neutral durante o decorrer do conflito, não consegue evitar uma série de perdas navais e humanas que resultam da acção bélica tanto de Aliados, como dos famosos U-Boat Alemães que semeiam a destruição por todo o Atlântico.

Pese embora o desgaste que estas perdas provocam na exígua Marinha Mercante Portuguesa, a necessidade de manter as suas linhas de comunicação abertas, independentemente dos perigos associados a esta decisão, obriga à continuação de diversas carreiras por mares patrulhados intensamente por ambos os lados. Só assim se torna possível manter Portugal abastecido dos bens mais essenciais para a sua sobrevivência, assim como manter as linhas de comunicação com os vastos e dispersos territórios coloniais.

No total 11 navios são afundados em vários pontos do Atlântico e do Mediterrâneo, dos mercantes da linha de África aos bacalhoeiros da Terra Nova, passando por barcos de pesca costeira, navios fretados pela cruz vermelha e ainda alguns envolvidos no comércio com potências beligerantes. Vítimas de submarinos, minas e ataques aéreos, estes afundamentos irão dar lugar a autênticos cenários de tragédia humana.

São a participação involuntária de Portugal na mais longa batalha da Segunda Guerra Mundial, a Batalha do Atlântico, e constituirão um autêntico desafio para a exígua Marinha Mercante nacional e para as autoridades Portuguesas que se vêm obrigadas a gerir graves incidentes diplomáticos.

O objectivo desta comunicação passa por identificar os navios envolvidos nestes incidentes, relatando as ocorrências numa linha narrativa, mas usando também uma caracterização dos aspectos técnicos que envolvem estas acções de guerra, assim como utilizando documentação Alemã e Britânica que permite verificar a perspectiva do beligerante e as condições relatadas por este para “justificar” o afundamento. Proponho também apresentar as discussões que se deram no interior do regime, entre as várias instituições que tutelam a actividade naval e que procurarão lidar com estes incidentes, assim da tentativa de controlar a informação que vai passando para a opinião pública Portuguesa, e que em alguns momentos causou profunda consternação e uma potencial antipatia que as autoridades procuram atenuar de modo a evitar repercussões diplomáticas.